

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

**O NASCIMENTO DA ESCRITA NA ESCOLA: HÁ LUGAR PARA O PROFESSOR?<sup>1</sup>**  
**THE BIRTH OF WRITING IN SCHOOL: IS THERE A PLACE FOR THE TEACHER?**

**Maristela Righi Lang<sup>2</sup>, Sidinei Pithan Da Silva<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Texto produzido a partir das discussões sobre o projeto de pesquisa apresentado na disciplina Seminário de Tese do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa da Unijuí e da Rede Estadual de Ensino e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

**Resumo:**

Este texto desenvolve reflexões sobre o papel do professor no processo formativo para a constituição de sujeitos que produzem textos na escola, não apenas como forma de avaliação, mas sim como um dos meios de interagir socialmente e também como possibilidade de marcar um lugar social, o que poderá desencadear processos de escrita ao longo da vida. Tomando por base Bakhtin (2014), Vigotski (2008), Antunes (2009) e Geraldi(1991), serão discutidas questões como o papel da linguagem na vida humana, a importância dos conhecimentos linguísticos, estruturais e de mundo para que seja possível a produção textual qualificada, aspectos primordiais para que se caminhe para a superação dos problemas relacionados à escrita de textos na escola.

**Palavras-chave:** produção textual; conhecimentos; linguagem; interação.

**Abstract**

This text develops a reflection about the teacher's role in the formative process in the subjects constitution, who produce texts in school, not only as a form of evaluation, but mostly as a way of social interaction and also as a possibility of leaving a social mark, which may act as a trigger of writing processes during the lifetime. Based on Bakhtin (2014), Vigotski (2008), Antunes (2009) and Geraldi (1991), it will be discussed questions such as the role of language in the human life, the importance of linguistic, structural and the world awareness, being possible to develop a qualified textual production, which is one of the most important aspects to overcome the problems related to the writing of texts in school.

**Keywords:** textual production; knowledge; language; interaction.

**INTRODUÇÃO**

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

O homem, ao longo de sua trajetória, criou meios para registrar os seus feitos materiais e intelectuais. Não fosse isso, muito do que foi produzido teria se perdido e assim se viveria um eterno recomeço, pois a memória humana não consegue guardar tudo. A escrita, para além do registro do conhecimento produzido, serve também para permitir a interação entre os homens, para criar outros mundos – como é o caso da literatura –, para refletir, para influenciar, para informar, enfim, ela possui muitas funções.

No Brasil, de modo geral, a produção textual na escola ganhou espaço a partir da década de 1980, quando alguns estudiosos, como Geraldi (1991), passam a discutir a necessidade de se pensar a língua em uso nos textos, pelos processos de leitura, escrita e análise linguística. As décadas passaram, mas ainda há muito a pensar e fazer em relação à produção textual.

Uma das questões importantes é a necessidade de o professor ver-se e se colocar no papel de alguém que tem saberes que lhe permitem dar as condições para que o aluno se torne alguém com potencialidades de dizer – seja na oralidade, seja, principalmente, na escrita. Assim, será possível vencer uma realidade de pouca escrita entre os alunos, na escola, e também no decorrer da vida.

## **METODOLOGIA**

Este estudo nasce das inquietações surgidas no fazer pedagógico cotidiano, principalmente ligado à realidade de alunos egressos do ensino médio, uma vez que há necessidade de entender os motivos que tornam a atividade de escrita difícil para grande parte deles.

A partir disso, busca-se referencial teórico em Bakhtin (2014), Antunes (2009), Geraldi(1991) para refletir sobre a linguagem, a sua realidade enquanto possibilidade de interação entre sujeitos historicamente situados, que produzem textos – orais e escritos – com determinadas finalidades. Junto a isso, a necessidade de pensar o professor como sujeito com função fundamental de criar as condições para que o aluno se constitua alguém capaz de produzir textos bem estruturados e consistentes em termos de conteúdo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **O nascimento para a escrita**

O Brasil é um país que nasceu aos olhos do mundo em 1500, quando os portugueses aqui aportaram. Da história anterior a esse fato pouco se fala, bem como de seus habitantes. O legado deixado pelos “descobridores” foi de exploração, seja das riquezas aqui existentes, seja das pessoas, a começar pelos povos indígenas, depois pelos africanos trazidos para trabalhar como escravos e também dos brancos que não se encaixavam como proprietários.

No século XVIII, o número de pessoas alfabetizadas era muito baixo. De acordo com Abaurre &

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

Pontara (2005, p. 303), “O censo de 1872 estima que somente 18,6% da população livre e 15,7% dos escravos sabiam ler e escrever”. Isso significa que havia um número muito pequeno de leitores; o de escritores era menor ainda. Quem tinha acesso ao universo da palavra escrita eram filhos de pessoas abastadas e escravos que eram ensinados por seus senhores, normalmente as senhoras, em função de algum objetivo específico.

A realidade envolvendo os processos de ensino demoraram décadas até que houvesse aquilo que se chama de democratização do acesso, mas ainda hoje são percebidas as dificuldades de muitas pessoas se manterem nas instituições de ensino num processo de aprendizagem adequado àquilo que se preconiza como o ideal. A consequência é dificuldade para ler e entender textos mais complexos e envolve também os processos de escrita.

Escrever é uma atividade complexa, que exige muitos conhecimentos envolvendo a própria língua, a estrutura organizacional dos textos e as diferentes temáticas. Não é algo que se aprende de um momento para o outro. Constitui-se em um processo que precisa ser iniciado nos primeiros anos de escolarização, com orientações que permitam o seu desenvolvimento e a prática constante, pois assim o sujeito consegue se apropriar daquilo que é fundamental para que consiga se constituir como autor de textos.

O filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2014) pontua muito bem a importância da linguagem na constituição do sujeito. Além disso, para ele, o homem usa a linguagem nos processos de interação. Em seu entendimento, “a *palavra dirige-se a um interlocutor*” (p. 116, grifos do autor), a pessoa não usa a palavra a não ser no processo interativo, sendo o outro fundamental para a constituição do eu. Isso porque o sujeito será definido nas relações estabelecidas com os seus semelhantes. Essa questão faz pensar as relações de ensino e de aprendizagem e a importância de o professor criar as condições para que o aluno se sinta na condição de alguém que tem algo a dizer, seja nas situações orais em sala de aula, seja no momento da produção escrita.

Vigotski (2007) também assegura a centralidade da interação social como ação promotora de processos de aprendizagem e desenvolvimento. Para ele, o processo de aprendizagem do aluno se origina no social, na interação com o outro, seja com seus familiares, num primeiro momento, seja com seus pares/colegas, seja com o adulto, investido na função de professor, seja com os objetos. Posteriormente ocorre o processo de internalização, o que desencadeará o desenvolvimento das funções mentais superiores.

Não se pode deixar de mencionar o papel do adulto – do professor – como alguém importante no processo, pois sem uma pessoa que crie intencionalmente situações em que possa ocorrer a aprendizagem, essa pode acontecer, mas de modo tardio ou muito mais lento. Por isso é fundamental que o professor tenha o conhecimento do conteúdo, dos conceitos, mas também das formas como se ensina e se aprende, para que possa direcionar o pensamento do aluno em relação aos conceitos de sua disciplina, de acordo com o nível de desenvolvimento do aluno, objetivando aprimorá-lo. O sujeito não é uma tábula rasa, na qual o professor vai “escrever” os conhecimentos.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

Ao longo de sua trajetória, cada indivíduo aprende muito com as pessoas e no meio no qual está inserido – com a cultura de seu grupo, por isso, ao chegar à escola, ele possui aquilo que se chama de conhecimento cotidiano.

Dessa forma, cabe à escola – aos professores – permitir que o sujeito, a partir dos conhecimentos escolares, domine os conhecimentos científicos e, a partir disso, possa entender de uma outra forma o conhecimento cotidiano. Nas palavras de Vigotski (2008, p. 133) “A criança provavelmente acha difícil solucionar problemas que envolvam situações da vida cotidiana, porque não tem consciência de seus conceitos e, portanto, não pode operar com eles à vontade, conforme a tarefa exige”, o que também pode ser dito em relação ao adolescente. Se a escola cumprir seu papel, explicando, questionando, instigando, chamando atenção para determinados aspectos, oferecendo os meios para que o aluno entenda os processos e domine os conceitos, ele terá maiores chances de resolver seus problemas, porque “os conceitos da criança se formaram no processo de aprendizado, em colaboração com o adulto”(p. 133).

Além disso, se o aluno vivencia situações em que se sente ativo no seu processo de aprendizagem e que aquilo que enuncia é valorizado tanto pelo professor quanto pelos colegas, sentir-se-á protagonista naquele fazer, o que é essencial para a constituição do sujeito produtor de textos. Ademais, ele precisa entender que há alguém que ocupa o papel da pessoa que possui uma trajetória diferente, pois estudou e se especializou em uma área, o que a habilita na condução por caminhos que lhe oportunizam o entendimento de conhecimentos fundamentais para a escrita, por exemplo.

Vale salientar ainda, que o interlocutor no espaço escolar possui outras características, pois é um espaço institucionalizado em que ocorre o ensino e a aprendizagem, o que exige um nível de formalidade maior, principalmente no que se refere ao uso da língua. Nesse sentido, cabe apontar as palavras de Bakhtin (2014, p. 116) “Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (grifos do autor).

Mais uma vez fica evidente a importância da ação do professor na condução dos processos. O sujeito que se expressa precisa entender que não está em uma situação da vida cotidiana imediata – como aquela que vivencia em casa, com seus familiares ou com seus amigos. A escola é lugar de conhecimento. Em termos de língua, há a necessidade de serem criadas situações em que o sujeito conheça, entenda e se aproprie da variedade padrão da língua, já que ela possui prestígio social e é por meio dela que o conhecimento produzido ao longo da trajetória humana está registrado. Então, nas situações de interação em sala de aula, há que se usar a língua de modo diferente, em que sejam respeitadas a regência, a concordância, a ortografia, enfim, as formas mais complexas de organização linguística. Assim, o aluno terá condições de avançar no processo de construção de conhecimento e usar a língua de modo que seja reconhecido pelos seus pares, pelos professores e também pela comunidade.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

Se os anos vividos na escola não propiciarem mudanças na “situação social mais imediata” – usa-se a expressão de Bakhtin, mas com outro sentido, ou seja, o indivíduo usa a linguagem para atender questões básicas da vida cotidiana, mas sem a preocupação de estar usando a variedade culta – do sujeito, no sentido de ele efetivamente conhecer e usar a língua de forma mais elaborada e complexa, a escola não cumpre com uma de suas funções.

Salienta-se que não se objetiva desconsiderar o dizer do sujeito que usa uma das inúmeras variedades linguísticas existentes no Brasil, mas enfatizar que a escola possui funções e, em se tratando da Língua Portuguesa, é dar as condições para que o sujeito perceba, conheça e passe a usar a variedade culta de prestígio dependendo da situação de interação em que se encontra. Nesse sentido, o professor precisa enfatizar o fato de que, por mais que existam as variedades linguísticas, há situações em que o uso da variedade padrão é necessária e primordial, pois só assim o dizer será aceito e valorizado.

O cenário brasileiro, em se tratando de acesso à escola e, conseqüentemente, possibilidade de escrita para um número maior de pessoas, despertou há poucas décadas. Foi no século XX, no governo de Getúlio Vargas, que o processo de democratização do ensino teve incrementos, mas, efetivamente, apenas a partir da década de 1960 que um número maior de sujeitos pôde ingressar na escola. As conseqüências desse fato para a constituição de sujeitos leitores e escritores de texto são bastante significativas.

Há que se destacar também o fato de que, por muito tempo, nas aulas de Língua Portuguesa, a primazia estava em ensinar as normas gramaticais, sem que houvesse o estabelecimento de relações entre essas questões e os processos de leitura e de escrita. Por outro lado, o processo de escrita não era desenvolvido nem ensinado, uma vez que havia a crença de que ensinar a norma era suficiente, principalmente pelo fato de que a escrita era atividade para e de poucos, dotados de um “dom”.

### **O texto como foco nos processos de ensino**

Ao longo das últimas décadas, alguns estudiosos têm se dedicado à questão da produção de leitura e da escrita na escola. Geraldi (1991), em obra que organizou e publicou em 1984 – *O texto na sala de aula: leitura e produção* – apontava a necessidade de centrar o ensino de Língua Portuguesa em três práticas: leitura, produção e análise linguística de textos, objetivando desenvolver estudo efetivo da linguagem, além de possibilitar o domínio da modalidade padrão da língua tanto em sua modalidade oral, quanto escrita. Apesar dessas discussões terem se fortalecido ao longo das décadas, ainda não atingiu a realidade escolar em sua íntegra. Segundo Irandé Antunes (2009), o “ensino descontextualizado tem transformado em privilégio de **poucos** o que é um direito de **todos**: a saber, o acesso à leitura e à competência em escrita de textos” (p. 186, grifos do autor)

Por conta disso e de outras questões, pode-se afirmar que o nascimento do brasileiro para a escrita se deu de forma tardia, sem contar que, para muitos, isso ainda não aconteceu. Acreditando que o

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

professor possui responsabilidade fundamental no desenvolvimento dos sujeitos, o curso de Letras da Unijuí tem em seus princípios a linguagem como interação e a necessidade de trabalhar a língua em seu uso, nas diversas situações, tendo por base o texto, o qual precisa ser lido, compreendido, interpretado e produzido. Por isso, a constituição do professor de Língua e de Literatura egresso da Unijuí está alicerçado na Linguística Textual, na Semântica, na Sociolinguística, na Pragmática, na Análise do Discurso, entre outras linhas teóricas, que discutem e promovem o entendimento dos elementos básicos para que o ensino se dê na perspectiva do uso da linguagem e da língua.

O fato de ter essa formação permite entender que saber ler e escrever deve ser um direito de todos, independentemente da classe social. Antunes (2009) é categórica em afirmar que, por muito tempo, tais atividades eram desenvolvidas com poucos. Em suas palavras “aprender a ler, ou melhor, *ser leitor*, tem sido prerrogativa das classes mais favorecidas. Quer dizer, os meninos pobres são levados a se convencerem de que ‘têm dificuldades de aprendizagem’ e, portanto, *não nasceram para a leitura*” (p. 186, grifos do autor) – acrescenta-se que são levados a acreditar que também não sabem e não vão aprender a escrever.

A produção textual precisa ser entendida como um processo que envolve conhecimentos e ações. A primeira questão que se coloca é que tudo se diz, é dito para alguém, por isso não se pode pensar a produção textual fora de uma situação de interação social. Além disso é preciso ter clareza sobre o quê, o como será dito, o(s) porquê(s), a(s) intencionalidade(s) do que se diz e o contexto em que se está. Tais elementos constituem as chamadas condições de produção de um texto e que interferem sobremaneira no mesmo.

Vale salientar que nem sempre a pessoa que escreve tem conhecimento e clareza sobre esses aspectos e acredita que a inspiração é a condição básica para a escrita. Ela é válida, mas não em percentual tão expressivo. Se o sujeito não dispõe de leituras que lhe permitem refletir, comparar, relacionar informações, ele terá dificuldade para desenvolver e organizar ideias, um posicionamento sobre os diferentes temas. Nascer para a escrita é passar por um processo de gestação em que se ensina para o aluno quais elementos são primordiais, por isso precisam ser aprendidos.

Conhecer a língua é a condição primeira, mas sempre destacando o fato de que os processos de leitura e produção textual estão intimamente relacionados à boa compreensão dos elementos linguísticos à disposição dos sujeitos. Além disso, faz-se necessário ter conhecimento de mundo sobre os mais variados temas, o que se consegue por meio da leitura de fontes diversificadas e confiáveis, também advindas de discussões com pessoas leitoras e com visão de mundo crítica, que questionam e fazem refletir. Outro conhecimento primordial é da estrutura dos textos. Há, na atualidade, um número bastante extenso de gêneros textuais, dependendo da sua função comunicativa, e cada um deles possui características específicas que precisam ser respeitadas quando se for produzir o texto.

Há que se destacar ainda o fato de que a palavra é a matéria-prima usada na produção dos textos

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

e ela é provida de uma carga ideológica. De acordo com Bakhtin (2014, p. 117), “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém”. Pode-se entender então que as palavras não são usadas aleatoriamente, elas são escolhidas de acordo com a situação enunciativa e o interlocutor.

Pensando em como isso se dá na prática de produção em sala de aula, vale questionar: o aluno, enquanto sujeito que está escrevendo o texto, sente-se ocupando um lugar social de quem tem algo a dizer para alguém, que aquilo que diz possui valor e que faz escolhas de palavras de acordo com a situação? O texto é produzido apenas para cumprir tarefa? De acordo com Bakhtin (2014) “*A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior a estrutura da enunciação*” (p. 117, grifos do autor). Então se para o aluno não está claro o que está envolvido no processo de produção textual, a sua escrita não será significativa nem para ele nem para o outro.

Por isso o papel do professor é tão importante, pois é ele que pode explicitar tais questões para seus alunos, é ele que vai ensinar os diferentes tipos de conhecimentos necessários para a escrita. É o professor que deve colocar em prática a intencionalidade pedagógica de ação para a constituição de sujeitos ativos e propositivos, conhecedores de si, de sua língua e de sua realidade. Também cabe ao professor conscientizar os alunos de que a escrita é algo que se aprende para realizar durante a vida e não apenas durante a trajetória escolar, por isso dar as condições para que eles escrevam vários gêneros textuais e também nas diferentes disciplinas, já que o conhecimento é produzido e socializado nas diferentes áreas do saber.

Em função dessas questões, pode-se afirmar que o professor possui lugar e função fundamentais em se tratando do nascimento para a escrita na escola. Se não partirem dele as ações pedagógicas necessárias para o início e desenvolvimento do processo, o aluno não realizará essa atividade tão importante no âmbito escolar, mas, principalmente, que terá continuidade ao longo da vida. O sujeito precisa ter a capacidade de pensar por si e não apenas assumir aquilo que o outro pensa e diz. A partir do momento em que começa a analisar criticamente, estabelecer relações, ter visão de mundo ampliada, o seu “estar no mundo” se modifica e o seu modo de pensar e agir serão diferentes, qualificados, dentro daquilo que se coloca como condição para a cidadania.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não restam dúvidas de que, para transformar a realidade, no que tange à produção textual na escola, são necessárias ações envolvendo professores e alunos. A atividade de produção textual não pode ser vista apenas como avaliativa, mas também como uma das possibilidades de o sujeito marcar o seu lugar no mundo, de alguém que tem algo a dizer e isso tem valor.

Para chegar a isso, é preciso um trabalho intencional do professor, que ensina as estruturas linguísticas e mostra a relação disso com os processos de leitura e de produção textual, pois a

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXIII Jornada de Pesquisa

língua só existe no uso que é feito dela. É também o uso que permite as mudanças, uma vez que há um homem que a utiliza de diferentes modos, dependendo da situação em que se encontra. Como afirma Bakhtin (2014, p. 128) “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Por outro lado, não se pode deixar de ressaltar que em situações formais, existem normas que devem ser respeitadas.

Além do aspecto linguístico, há ainda a questão da estrutura dos diferentes textos que precisam ser conhecidas e entendidas, sem contar o conhecimento dos inúmeros temas que circulam na sociedade. Para compreendê-los, é necessário leitura, discussões, reflexões, o que também deve fazer parte das aulas.

Dessa forma, a escola e os professores estarão trilhando caminhos para constituir pessoas produtoras de textos escritos e caminhando com passos mais firmes para a formação de sujeitos ativos, críticos e propositivos, com condição de assumirem a sua cidadania, já que dominar a sua língua e produzir textos são algumas das condições para isso.

#### **REFERÊNCIAS:**

ABAURRE, Maria Luiza m.; PONTARA, Marcela. *Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras*, volume único. São Paulo: Moderna, 2005.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 8ª ed. Cascavel: Assoeste, 1991.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.